

SESSÕES DO PLENÁRIO

68ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 06 de novembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADA FABÍOLA Dra. MANSUR (AD HOC)

A Srª PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Invocando a proteção de Deus e do Orum, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao centenário de Deoscórades Maximiliano dos Santos, mais conhecido como Mestre Didi, proposta pela deputada Fabíola Mansur, esta que vos fala.

Aproveito para chamar para compor a Mesa a ilustre Srª Secretária da Promoção da Igualdade Racial Fábya Reis, neste ato representando o governador Rui Costa; o Ilmº Sr. Vereador da cidade do Salvador Sílvio Humberto, presidente da Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador; o Ilmº Sr. Diretor - Geral do IPAC, João Carlos Oliveira, neste ato também representando a secretária de Cultura Arany Santana; a Srª Professora da Universidade Estadual de Campinas e cantora lírica, filha do Mestre Didi, Inaicyra Falcão dos Santos; o Sr. Diretor-Geral da Fundação Pedro Calmon, Sr. Zulu Araújo; Sr. Professor Doutor da Universidade Estadual da Bahia, Gildecir de Oliveira Leite; o Ilmº Sr. Genaldo Novaes, alagbá babá mariwó do Ilê Asipá; o Ilmº Sr. Balbino Daniel de Paula, alagbá babá mariwó do Ilê Agboulá; Sr. Presidente do Olodum João Jorge; Ilmº Sr. Cientista Político Social, professor doutor, Marco Aurélio Luz da UFBA.

Neste momento, peço que todos se ponham de pé para um minuto de silêncio em honra de José Félix dos Santos, neto do mestre Didi, Alagbá do Ilê Asipá, ocorrido no último mês de setembro.

(O Plenário faz um minuto de silêncio.)

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional. Peço aos senhores que fiquem em posição de respeito

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Srª PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Inicialmente, dando já o nosso bom dia e pedindo agô, licença aos mais velhos, gostaria de convidar o vereador Sílvio Humberto para presidir esta sessão, enquanto uso a tribuna.

O Sr. PRESIDENTE (Sílvio Humberto):- Com a palavra, a deputada Fabíola Mansur.

A Srª Dra. FABÍOLA MANSUR:- Emoção muito grande a gente estar aqui hoje no dia 6 de novembro, mês da consciência negra, novembro mês da cultura,

ontem celebramos seu dia nacional, para que esta Casa reverencie o legado, o valor de Mestre Didi com toda sua sabedoria, com toda sua integridade, sensibilidade e ética que são tão pouco valorizados em tempos com os de hoje.

Não só o reconhecimento desta Casa ao grande e sumo sacerdote que ele é, como, também, um grande artista plástico, cujo legado é a valorização da própria ancestralidade africana no Brasil.

Mestre Didi recebeu... E eu quero saudar, carinhosamente, a Sr^a Juanita Elbein aqui presente. (Palmas) Mestre Didi recebeu inúmeras homenagens, não só em solo nacional, como em solo africano, e homenagens internacionais pelo grande líder religioso, cultural e da filosofia. Esta singela homenagem que fazemos hoje, aqui, é muito menor do que o próprio homenageado, esta homenagem, no entanto, ela é significativa, porque no seu centenário nós temos que reconhecer valor histórico, valor na memória e o valor presencial de tudo que Mestre Didi fez e faz.

Neste momento, eu queria, então, agradecer as presenças de todos que compõem a Mesa, e, especialmente, fazer um relato de como propusemos esta homenagem, aqui na Assembleia. A secretária Fábya, Zulu, João Jorge sabem que por conta de homens como o Mestre Didi nós propusemos, nesta Casa, uma nova comenda, a Comenda Revolta dos Búzios, chamada Comenda da Liberdade. E na Comissão de Cultura, bem como com outros pares, e com o Movimento Negro e todas as entidades aqui muito representadas, nós escolhemos Mestre Didi, João Jorge, para ser o primeiro agraciado com a Comenda da Liberdade Revolta dos Búzios, *in memoriam*. (Palmas) E escolhemos também, ele que em 2 de dezembro fará 100 anos, mas é o ano, 2017, do seu centenário, o mês de novembro para, nesta Casa, no mês da Consciência Negra, homenageá-lo.

Quis o destino, no entanto, que na Casa da política nem sempre as coisas aconteçam no ritmo que a gente deseja, que a gente não conseguisse fazer a homenagem oficial da Assembleia em forma de comenda. E, imediatamente, quero agradecer ao professor doutor Gildecio, que aqui está compondo a Mesa, nós transformamos esta numa sessão especial que igualmente homenageia, com igual importância, através de uma placa que será recepcionada, daqui a pouco, pela Sr^a Juanita e pela sua filha Inacyra.

Quero dizer que para mim é muito importante estar fazendo uma homenagem desta, porque hoje estou presidente da Comissão de Educação e Cultura, Ciência e Tecnologia e, recentemente, fui designada conselheira titular do Conselho Estadual de Cultura e também da Câmara de Patrimônio. E qual não foi minha surpresa, porque coincidências não existem, quando eleita presidente da Câmara de Patrimônio, o primeiro processo a ser avaliado foi exatamente o tombamento do Ilê Asipá, que é no IPAC, João Carlos, já lhe saudando, através da relatoria do companheiro Zulu Araújo, da Pedro Calmon, a gente vai ter a honra e a gente espera que nosso governo do Estado, Secretária Fábya, possa, de imediato e antes até, do 2 de dezembro, celebrar o tombamento definitivo do Ilê Asipá como patrimônio histórico e material cultural do Estado da Bahia. (Palmas)

Quero, nesse sentido, saudar a todos do Ilê Asipá que se fazem presentes, em especial eu queria saudar a família de Mestre Didi, saudar Antônio Carlos, neto de Mestre Didi. Antônio Carlos que, quando nós queríamos fazer uma sessão especial e eu via, porque conhecia a história de Mestre Didi através de seu livro com Juana chamado Autos Coreográficos, da Editora Currupio, das minhas amigas Arlete Soares e Rina Angulo.

Conheci a importância e fiquei surpresa em como eu podia morar há tanto tempo na Bahia e não conhecer a história de Mestre Didi. No seu centenário, esta que vos fala só conhece há 10 anos, desde 2007, quando da publicação do livro. Mas, isso não me faz menos importante, quando a gente quer que esta Casa tenha nos seus anais, nos seus autos, a história de Mestre Didi, que será muito melhor contada pelas pessoas que compõem essa Mesa, que já foram citadas.

Portanto, estou aqui muito menos para falar sobre ele, muito mais para ouvir sobre ele. Mas, para que o nosso discurso conste, formatado nos anais, vamos falar, então, um pouquinho.

(Lê) “Nesta sessão especial que homenageia Mestre Didi, ele, filho de Maria Bibiana do Espírito Santo (a Mãe Senhora do Ilê Axé Opô Afonjá) e Arsênio dos Santos, Deoscóredes Maximiliano dos Santos nasceu em Salvador, em 2 de dezembro de 1917. Mais conhecido como Mestre Didi, foi sacerdote, escultor e escritor, com grandes contribuições nas três faces de sua vida religiosa e intelectual. Com exposições no Brasil e no exterior, ganhou diversos prêmios e foi um dos mais importantes sacerdotes do culto aos Egunguns no mundo. Mestre Didi morreu em 6 de outubro de 2013 e deixou como viúva a antropóloga Juana Elbein dos Santos e seus filhos que já foram aqui citados.

‘Mestre Didi construiu uma relação estreita com o continente africano, principalmente com o reino Ketu. Recebeu o título de Alapini'ni, o mais alto do culto aos Egunguns, e fundou em 1980 o Ilê Asipá, em atividade e a ser tombado definitivamente. Em uma das suas visitas à África, ele teve o reconhecimento de Alaketu, rei do Ketu, sendo convidado como membro da família e não como um mero visitante.

Sua iniciação sacerdotal se deu aos 7 anos. De presença mítica na Bahia, tornou-se o Sumo Sacerdote Alapini'ni - Ipekun Oye, a mais alta hierarquia no culto aos ancestrais na tradição Iorubá’.

Aos 55 anos de idade, Mestre Didi fundou o candomblé de culto aos ancestrais Ilê Asipá, situado em Piatã, numa das transversais da Avenida Orlando Gomes, em Salvador. Os Asipás, os grandes caçadores e grandes desbravadores das nações Oyó e Ketu ligados a Oxóssi, transmitem a ideia de segurança.”

Mestre Didi também como artista plástico reconhecido nacional e internacionalmente fez grandes obras de arte, que assimilavam os signos do candomblé e têm relação direta com os orixás e os elementos da natureza.

Quero aqui neste ato, e me perdoe Antônio Carlos se eu não citar o nome das peças de forma correta, mas essas três grandes peças que aqui estão Opa Exin ati eye Meji: o centro da lança com dois pássaros, que é essa daqui, são peças lindíssimas; Opá Igi Ayó: a palma da árvore da alegria; Oyô de Jogum: mãos que herdam. Essa peça é a logomarca, foi feita para a primeira exposição dele expressando a sua arte e os orixás que o acompanham e, principalmente, expressam a herança do seu avô. São lindas as peças, uma salva de palmas para Antônio Carlos. (Palmas)

Mestre Didi sempre foi um homem voltado para a cultura, por isso é homenageado no Mês da Cultura, e para a vida afro-brasileira, por isso homenageado no mês Consciência Negra.

(Lê) “Desde os muitos livros que publicou sobre o culto dos ancestrais. Foi um artista escultor de lindas obras, cuja temática falava desse extraordinário universo das coisas da África, onde os deuses estão na terra, e por isso suas esculturas eram totêmicas, saíam do chão para alcançar o infinito”, escreveu o então artista e diretor-curador do Museu Afro Brasil, Emanuel Araújo, no texto de despedida a mestre Didi Um Adeus ao Alapini. As obras de Mestre Didi têm destaque no acervo permanente do Museu Afro Brasil, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.”

Na justificativa para o nosso projeto de sessão especial aprovado por unanimidade por esta Casa nós temos que relembrar (Lê) “a grandiosa contribuição de Mestre Didi às artes no País e sua vigorosa obra escultórica.

Sua obra literária está reunida em volumes como Contos Negros da Bahia (1961) e Contos de Nagô (1963), dentre outros. Com várias premiações, suas obras são disputadas por galerias de arte e avalizadas por nomes como Jorge Amado e Emanuel Araújo. Em 1989, as esculturas de Mestre Didi se destacaram na célebre exposição Magiciens de la Terre, no Centro Georges Pompidou, em Paris, um momento decisivo para o reconhecimento internacional de seu trabalho.

Com o tempo, passou a ser admirado, estudado por historiadores e linguistas e críticos de arte e literatura.

“Por sua vida e pela preservação da memória afro-brasileira e aos cultos de matriz africana, até hoje e para sempre será reverenciado, Mestre Didi merece todas as homenagens, da Bahia, e da nossa Assembleia Legislativa pela passagem do seu centenário.”

Mestre Didi é exemplo de integridade, de sabedoria e por isso é sumo sacerdote. E seus ensinamentos devem pautar para além daqueles que têm o candomblé como a sua religião.

Ele é reconhecido pelo seu valor como líder. Valores de ética, valores como conduta, valores como responsabilidade, esses valores estão quase ausentes. Por isso reverenciá-lo é uma honra para mim, reverenciá-lo é escrever mais uma pontinha da sua história em um outro espaço, já que no espaço maior ele já está escrito, mas escrever aqui para além das medalhas que ganhou.

Na Câmara Municipal, recebeu a Medalha Thomé de Souza; João Jorge me dizia que, como grande protetor do Olodum, recebeu o Troféu Ujaama; foi homenageado como Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia; recebeu a Medalha da Ordem do Mérito do Governo do Estado da Bahia; a Medalha Dois de Julho da Prefeitura Municipal. Tantas homenagens!

E, aqui, queremos escrever na Assembleia Legislativa, nesta sessão especial, a nossa singela homenagem a Mestre Didi, mas muito mais do que ao homem, aos seus ensinamentos que se fazem tão necessários, tão presentes para a humanidade e para a civilização.

Viva Mestre Didi! Viva tudo que ele deixa e inspira! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Gostaria de convidar o vereador Sílvio Humberto para, da tribuna, fazer sua fala, pelo tempo máximo de 5 minutos.

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO:- Bom dia a todas e a todos!

Gostaria de iniciar cumprimentando e parabenizando a deputada estadual Fabíola Mansur por esta importante iniciativa de trazer a esta Casa esta referência ao comemorar e celebrar os 100 anos do Mestre Didi; cumprimentar a família na pessoa da professora Inaicyra, a quem tive o prazer de conhecer não aqui, em Salvador, mas na Unicamp, quando eu fazia o doutorado. Na cantina do Instituto de Economia, começamos a conversar e a criar um processo de convivência. Naquele momento, era doutorando em Economia. E agora, ocupando o cargo de vereador da cidade do Salvador, presidente da Comissão de Cultura, é um prazer encontrá-la neste momento tão importante para todos nós de reverenciar a memória dessa referência para a cultura brasileira, a cultura afrobrasileira, diria, trazida, fortalecida e criada aqui dentro das diásporas.

Pensando no que diria, eu que não tive essa convivência direta, embora sabendo que estava por aqui, vou trazer uma expressão que é muito cara para nós, professora Narcimária, professor Marco Aurélio, que é a figura do mestre. Há aquele mestre que tem o título acadêmico, quando se cumpre o ritual. Mas tem algo que é esse outro mestre, esse em que o reconhecimento é feito pela vida, pela história e, acima de tudo, a forma como aqueles que o seguem, aqueles que ele formou, o reverenciam.

E quero fazer uma referência, aqui, a Genaldo, porque nas palavras de Genaldo, no contato com o Mestre Didi ele não dizia Mestre Didi, ele sempre se referia como: o mestre, o mestre, o mestre. Isso, para mim, trouxe essa memória, porque mostra a importância, o lugar que ele ocupa. Não é à toa que você tem a ideia do mestre dos mestres. E dentro dessa cosmovisão africana sabemos a importância disso.

Conhecendo um pouco da obra e ouvindo o professor Jaime Sodré, nesse diálogo vemos a importância dele, assim como do nosso saudoso Abdias Nascimento.

Como se fez referência, dentro do mês da Consciência Negra, à figura de Abdias Nascimento, que teve que fazer de tudo um pouco.

E nós identificamos esses que tiveram o papel de abrir os caminhos de ter que fazer de tudo um pouco: tem que ser o líder espiritual, tem que ser o artista, tem que ser um monte de coisas, várias coisas, para fazer esse enfrentamento ao racismo, para fazer esse processo, em que ele utilizou o meio da arte, esse processo, que eu diria, de convencimento, de convencer a sociedade brasileira para poder atrair aliados, e colocar acima, colocar no seu devido lugar a importância da religiosidade que vem das religiões, eu diria assim, a cosmovisão das religiões de matriz africana.

Isso não foi imaginar aquela ideia de que quando a água tem força passa por cima; quando a água não tem, ela começa a fazer parecendo uma serpente, vai-se desviando e criando seu próprio caminho. E é assim que sinto que foi a obra do Mestre Didi, dessa simplicidade uma profundidade que foi convencendo às pessoas. E naquele momento vem como um brado se juntando a outros a afirmar a nossa luta contra a intolerância religiosa.

É nesse sentido que, nesses tempos temerosos e temerários, nós conversávamos ali fora, nesse retrocesso civilizatório que está em curso, deputada Fabíola Mansur, celebrar os 100 anos do Mestre Didi no mês da Consciência Negra um dia após ao Dia Nacional da Cultura é, mais uma vez, um brado, é reafirmar que nós não desistiremos de afirmar esse lugar, esse espaço, e de lutar contra a intolerância religiosa, contra esse racismo religioso que está cada vez mais crescente. E vai precisar de um esforço enorme dessa nossa capacidade de enfrentamento. Não tem retrocesso, não vamos comungar com esse retrocesso civilizatório, e sabemos o quanto o nosso País perde, na medida em que o que parecia página virada volta com uma força enorme.

Então, quero parabenizar esse ato político nesse centenário, porque mais uma vez ele se torna uma referência agora que saiu dessa presença física e se transformou em energia.

Longa vida ao Mestre Didi. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, vereador.

Nós estamos presenteando com o livro *AUTOS COREOGRÁFICOS* - Mestre Didi, 90 anos, organizado pela nossa querida antropóloga Juanita.

Quero registrar as presenças de Ebomi Nice Espíndola e Nilza Bonfim Dias, membros da Irmandade do Rosário dos Pretos; Isa Maria Faria Trigo, assessora especial de Cultura, nesse ato representando a Uneb; Alessandro Reis, superintendente do Desenvolvimento do Trabalho.

Convido o alagbá baba mariwo do Ilê Asipa, Genaldo Novaes, que nos honra com a sua presença, para fazer uso da tribuna.

O Sr. GENALDO NOVAES:- Bom dia a todos e todas.

Primeiro, eu quero agradecer ao Olorum Baba Olo do Mariwo pela presença dos meus parentes que estão aqui. Parentes não são só aqueles que têm o mesmo sangue e, sim, aqueles que participam da nossa vida. O Mestre Didi sempre nos ensinou isso. Que Olorum Baba Olo do Mariwo estenda essa benção a todos que estão aqui.

Segundo, eu queria agradecer, também, à deputada por essa brilhante ideia de homenagear o Mestre Didi nos seus 100 anos. Não quero ser prolixo, porque ela fez uma exposição tão ampla da vida do mestre. Também quero citar a grande fala do vereador Sílvio Humberto, quando ele se referiu ao Mestre Didi, aquela emoção que ele teve na hora da fala.

Falar do Mestre Didi é uma emoção muito grande, porque ele não só foi pai, ele pensava sempre no futuro, e vários detalhes que já foram citados aqui, neste Plenário. Eu vou pontuar para não ser prolixo e não ficar tomando o tempo desnecessariamente.

O Mestre Didi tem três pontos fundamentais na vida dele que merecem ser citados. Como artista plástico, além de tudo o que a deputada falou, ele teve um papel fundamental, porque sai da base africana, ou seja, a matriz, e vai para o topo sem passar por aquilo que normalmente um artista plástico passa na sociedade. Ele valorizou aquilo que tinha na base, isso já é sabido em todas as partes do mundo. Por isso ele recebe homenagem, hoje em dia, até no país de origem, no Reino de Ketu, que é um pedaço da Nigéria e um pedaço do Benin, que o homenagearam neste ano, fazendo a mesma referência que a deputada Fabíola e o vereador falaram anteriormente. Todos sabem da importância do Mestre na área artística, ou seja, esse ponto fundamental dele. Ele valorizou todos nós ao partir da base e ir para o topo diretamente.

O segundo ponto em que ele foi fundamental, que já foi citado pela deputada, foi a questão educativa. Ou seja, o Mestre Didi foi um educador por essência, usando todo o conhecimento que os africanos ensinaram a ele. Ou seja, ele não só aprendeu, ele se preocupou com o futuro e, desde cedo, deu o exemplo de como deveria ser a educação brasileira, formando, inclusive, escolas específicas para isso, como a Obabiyi.

Então, hoje, estão presentes pessoas aqui, não vou citar nomes, mas que participaram disso, e tenho a honra de dizer que tenho muito orgulho dessas pessoas, e sou um dos seguidores. E aqui tem muito oje presente, uma coisa que o Mestre Didi valorizava muito, que são frutos dessa visão futura do mestre.

Então, o Mestre, além disso, foi um religioso-educador. Além de educador, ele foi religioso. Nessa parte religiosa ele foi extremamente rígido. Ele seguiu determinações dos ancestrais. Ele não inventou nada, ele procurou seguir aquilo que aprendeu com os ancestrais, aqueles que ensinaram a ele o caminho da vida.

Como religioso, ele teve uma presença marcante com essa disciplina hierárquica que a religião exige, que não é fácil de cumprir. A nossa religião aceita qualquer religioso, desde que ele siga as normas da nossa religião. Inclusive, nem gosto de falar essa palavra religião, porque vem de relicário, mas como é mais fácil para as pessoas entenderem eu estou falando em religião, porque, na verdade, nós somos cultura também, religião faz parte da cultura.

É muito interessante essa coisa que o Mestre Didi fez, porque, hoje em dia, a gente pode se basear nele para lutar contra o que está acontecendo no mundo atual. Porque não é só no Brasil, hoje em dia, o mundo está sofrendo com uma questão muito séria, porque estão confundindo religião com cultura e fazendo isso que está acontecendo. Mas não vou ser prolixo e continuar a falar.

Agradeço a todos da família que me deram a honra de estar aqui, porque, na verdade, os descendentes sanguíneos Asipá me deram a honra estar aqui. Eu agradeço a eles.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, alabá Genaldo Novaes, que é engenheiro, descendente da família Teodoro Pimentel, representante brasileiro da religião afrobrasileira na organização Religions For Peace, organização com inúmeras religiões que pertencem ao grupo Baobá, que congrega religiosos de vertentes diferentes em Salvador, Bahia: Jeje, Ketu, Angola, entre outros.

Receba também desta Assembleia o presente.

(O Sr. Alabá Genaldo Novaes recebe a homenagem.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Quebrando um pouco o protocolo, porque, em geral, o representante do governador fala por último, mas, em razão de compromissos já assumidos, a secretária Fabya Reis vai pronunciar-se neste momento. Desde já, secretária Fabya, secretária de Promoção da Igualdade, sempre presente, a convido para fazer sua fala, agradecendo-lhe por sua presença e parabenizando-a pelo seu trabalho, que nos representa nesta Casa, de combate ao racismo, à intolerância e na promoção da igualdade no Estado da Bahia.

Bem-vinda, secretária.

A Sr^a FABYA REIS:- Obrigada.

Bom dia a todos e todas.

Também pedindo licença à nossa ancestralidade, pedindo a bênção aos mais velhos aqui, na pessoa de Ebomi Nice, à nossa Nidinha dos Santos, a bênção à mãe Nilza, hoje, aqui, nesta sessão nos prestigiando.

Quero, de partida, parabenizar enormemente à deputada Fabíola Mansur pela sensibilidade e o entendimento político de nos brindar com esta sessão. Quem nos

antecedeu aqui... a deputada bem dissertou sobre toda a trajetória, o percurso de Mestre Didi, os seus ensinamentos, a força das suas ideias que, hoje, são traduzidas na Casa do Ylê Axé Pá, na casa dos conjuntos de intelectuais e de personalidades da luta antiracista e da luta contra o ódio religioso.

Portanto, estamos há algum tempo trabalhando para que possamos jogar cada vez mais em plano nacional e também no nosso território, em nosso Estado, o legado de Mestre Didi.

A Comissão de Celebração do Centenário do Mestre Didi nos procurou desde o ano passado. E o professor Gildeci Leite, a quem já cumprimento, também nos procurava, com o nosso já saudoso e que, hoje, está também nos conduzindo num plano imaterial, o alabá Félix, para que pudéssemos, dentro do Estado, internalizar essa agenda. E assumimos esse compromisso. E hoje, aqui, com muito orgulho, represento o governador Rui Costa, trazendo um abraço para todos nesta sessão e também o seu engajamento e o compromisso para que pudéssemos reverberar.

E do conjunto das ideias, sabemos que coletivamente as nossas ideias ganham mais força, e esse é também mais um ensinamento do nosso Mestre Didi. Estivemos reunidos com João Jorge, nosso presidente do Olodum; a deputada Fabíola; a Comissão do Mestre Didi; pudemos visitar também o próprio Terreiro Ylê Axé Pá com alabá Félix, com alabá Genaldo, e pudemos ter uma conversa sobre o que nós faríamos. Então, nós dissemos e elencamos a luta dos nossos heróis nacionais na Revolta dos Búzios: Lucas Dantas, João de Deus, Manuel Faustino, Luiz Gonzaga, para que pudéssemos fazer o edital do agosto entre Revolta dos Búzios e os legados contemporâneos. E conseguimos fazer essa costura da história, “linkando” cada vez mais o que é a construção da resistência do nosso povo negro.

E construímos um edital para que pudéssemos ter lá oficinas para a juventude e um documentário produzido. Todas essas entregas já prontas com a ajuda de toda a comunidade Asipá, a quem agradecemos por nos ter aberto as portas e por nos brindar com esses ensinamentos e com esse conhecimento.

Nos comprometemos também a fazer, com a iniciativa do mandato da deputada Fabíola, mais uma vez, um diálogo com a Presidência desta Casa, deputado Angelo Coronel, solicitando que pudéssemos ter aqui um memorial da Revolta dos Búzios. Isso foi autorizado, e nós estamos em via de concretizar para que esta Casa também tenha uma referência dos heróis do povo negro.

Portanto, queremos pedir a sensibilidade dos deputados e deputadas desta Casa para que possamos ter aprovada a Comenda Revolta dos Búzios, a Comenda da Liberdade. (Palmas) E naquela construção já suscitávamos, como estamos fazendo esse *link*, que nada mais justo, nada nos deixaria mais felizes, e uma justa homenagem, do que fazer a entrega ao centenário em referência ao Mestre Didi. Então, esse percurso temos feito, acho que também na conversa da comissão queríamos fazer um movimento para que descerremos a placa em homenagem ali do Viaduto da Orlando Gomes homenageando Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o nosso Mestre Didi. Isso já está acertado, nosso governador já nos deu a autorização, a

aquiescência do desejo também do governador e nós faremos isso ainda no mês de novembro. Estamos trabalhando para ver se ajusta as datas do nosso governador para que possamos iniciar o 20 de novembro com esse descerramento de placa, com essa homenagem em que oportunamente também, nossa juventude aquela mesma que participou das oficinas de grafiteagem para reproduzir a arte de Mestre Didi, possa fazer naquele viaduto também a arte grafiteagem trazendo essa referência.

Portanto, são trabalhos, são compromissos coletivos, são compromissos que engajam todo o governo da Bahia, o Zulu poderá falar, João do IPAC aqui também saúdam os nossos colegas de governo. Assim que a secretária Arani assumiu a secretaria nós reeditamos o compromisso anterior que era justamente de podermos concluir o tombamento do Terreiro Ilê Axê Opá.

Então, isso é uma pauta que a secretária Arani e João poderá falar claro pessoalmente, mas de pronto disso iremos trabalhar nisso. Provavelmente, os nossos colegas terão também mais detalhes sobre essa agenda.

Portanto, queremos de tudo o que foi dito para que não repitamos e não nos prolonguemos também a nossa fala. E o nosso compromisso é cada vez mais que esse legado nos ative possamos dialogar com as gerações presentes e projetarmos também todas essas referências da cosmo visão africana, da força do povo negro, do combate ao ódio religioso, ao racismo religioso, do combate institucional para dentro do governo nos dando as mãos, construindo agenda de trabalho, assumindo compromissos e dando conta desses desafios.

Novos desafios vão nos clamar nessa quadra, mas queremos marcar no mês da consciência negra, no mês em que celebramos também um grande herói nacional, como o Zumbi dos Palmares e Dandara, reeditar os seus ideais, ideais do Mestre Didi, ideais que se encontram com Revolta dos Búzios, com Revolta dos Malês, com os ideais de Zumbi dos Palmares, de lutar pela liberdade, de lutar por uma verdadeira democracia, não só a democracia que hoje temos falado, queremos democracia e não há democracia se não construirmos efetivamente uma democracia que passa pela justiça racial.

Portanto, queremos brindar o nosso novembro e já querendo aproveitar aqui para convidar todos e todas para a nossa abertura do dia 8 de novembro que marca justamente os nossos heróis que foram enforcados na Praça da Piedade e que queremos fazer esquecer.

Em tempos difíceis, em tempo de retrocesso queremos costurar esse fio da memória do nosso povo negro visibilizando os nossos heróis, visibilizando as nossas heroínas e nada mais justo de termos aqui hoje, trazendo a memória de Mestre Didi, saudando esse legado, essa resistência e sua mensagem de paz e de respeito entre nós. Portanto, Viva Mestre Didi! Parabéns a todos e todas nessa Mesa, aos seus familiares que nos possibilitam e nos permitem, Naicira, a estar compartilhando essa memória e esse legado.

Quero saudar ainda o professor Marco Aurélio que nos ajuda nesse documentário nessas ações de propagar também para dentro da academia.

Um grande abraço a todos e todas, ao governador e o nosso compromisso editado é para que sigamos na luta construindo políticas da igualdade racial, combatendo o racismo e o racismo religioso.

Bom dia a todos e a todas e mais uma vez parabéns, deputada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, secretária Fabya. Aqui receba também a nossa...

Gostaríamos de convidar a professora e doutora Dr^a Inaicyra Falcão dos Santos, da Universidade Estadual de Campinas, é também cantora lírica, filha do Mestre Didi, para fazer a sua fala neste ato, já homenageando a todos os filhos, netos, aqui presentes. Sei que tem Nídia aqui presente; Neto que já foi citado, Antônio Carlos e Inaicyra.

Enquanto ela chega, eu queria já registrar a presença de Alícia Maria Sanabria, presidente da African Matrix; Edson da Luz, artista plástico; Luís Tourinho, artista plástico; Filismena Fernandes Saraiva, professora da Universidade Estadual da Bahia.

Com a palavra Inaicyra.

A Sr^a INAICYRA FALCÃO DOS SANTOS:- A guerra trouxe a mãe, a filha de Xangô que veio com a guerra. A mãe não teme a guerra. A mãe perdeu o medo. Chegamos e estamos aqui, assim como Xangô é imortalizado no ar pelo relâmpago. Mãe, estaremos sempre gratas ao mundo pela vossa existência. A minha mãe anciã que fez o sacrifício por todos nós.

(Entoa o canto.) (Palmas)

Para encerrar, bom dia a todos e a todas, gostaria de agradecer essa iniciativa da deputada Fabíola Mansur em nome de todos nós da família, família religiosa e consanguínea também por essa homenagem tão justa. Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Inaicyra, gostaria que você ficasse aqui. Vou chamar Nídia, filha mais velha de Mestre Didi para receber em nome desta Casa uma placa. Nídia, que é a mais velha, vai representar todos, e eu gostaria que todos pudessem lhe entregar essa placa, que é a homenagem da Comissão de Cultura desta Casa ao Mestre Didi.

(Entrega da homenagem à filha do Mestre Didi.) (Palmas)

Eu queria agora entregar essa homenagem de Mestre Didi à antropóloga Juana Elbein dos Santos, que também é, junto com o Mestre Didi, autora desse livro que está sendo presenteado a todos os palestrantes.

Muito honrados com a sua presença, sintam-se também homenageados.

(Entrega da homenagem à Juana Elbein dos Santos.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTE (Dra. Fabíola Mansur):- Passo a palavra a Sr^a Fabya Reis.

A Sr^a Fabya Reis:- Então, mais uma vez, muito obrigada, infelizmente ou felizmente, porque temos uma tarefa agora, vamos fazer uma entrevista para falar sobre o novembro, de modo, que peço licença e mais uma vez, muito honrada por estar nesta manhã com todos e todas. (Palmas.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, secretária Fabya pela sua presença, vá em paz cumprindo sua missão, saiba que tem neste mandato, também, uma força auxiliar.

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Convido agora o professor doutor Gildeci Oliveira Leite, da Uneb, que é, também, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, mestre em literatura, doutor em difusão do conhecimento, sempre colabora, leio seus artigos no jornal *A Tarde* e faz pesquisas sobre baianidade e afrobrasilidades. Ele que é um dos responsáveis por esta sessão especial. Bem-vindo, professor Gildeci.

O Sr. GILDECI DE OLIVEIRA LEITE:- Muito obrigado, bom dia a todos e a todas. Antes, quero pedir a benção aos meus mais velhos e as minha mais velhas Lesse Orixá, aos meus mais velhos e as minhas mais velhas, Lesse Egungun.

Em nome da deputada estadual Fabíola Mansur, saúdo a todos da Mesa. Dizer que para mim de fato é muito emocionante estar aqui, sentindo a falta ainda do meu compadre José Felix, grande idealizador de isso aqui tudo, deputada Fabíola. Eu era apenas o secretário dele em todas as ações que nós tomávamos, inclusive a proposição junto a senhora, era por ordem, por pedido de nosso sacerdote que hoje se encontra num lugar melhor do que nós, com certeza, nos protegendo.

Para não ser prolixo, vou fazer uma breve leitura, respeitando os 5 minutos. (Lê) “Mestre Didi é um sacerdote e artista. Muito já se disse sobre colocar em primeiro lugar na adjetivação a palavra sacerdote ou a palavra artista. Alguns segmentos contemporâneos, acreditam que, tratando-se de personalidade negra, não colocar a palavra e o significado “artista” antes de sacerdote seria não deixar que o homem negro e a mulher negra sejam percebidos para além do território da religiosidade.

Entende-se no caso, eu entendo que a conjunção aditiva e sua ideia de soma unem as duas habilidades e missões em um só homem, revelando a origem de sua criação artística, seu local de inspiração. No caso específico de Mestre Didi, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, sua arte, bem como sua produção monográfica, vem de sua vivência com as religiões dos orixás e com a religião de culto aos ancestrais na Bahia. Faz-se necessário lembrar, que além das artes plásticas, arte de maior destaque em sua produção, Mestre Didi construiu obras literárias e monográficas. Mestre Didi poderia ser mais um artesão, limitando-se ao “copismo” daqueles, que não conseguem se apropriar do que enxergam, percebem, sentem para criar, recriar algo que seja diferente, atemporal, de vanguarda, advindo o renascer na

ancestralidade. Nascido em 2 de dezembro de 1917, por vários motivos poder-se-ia dizer que o menino Didi fora um bem-nascido, diante de uma perspectiva do simbólico negro.. No dia em que dona Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, dava a luz ao seu último rebento, executava-se no Brasil pela primeira vez um samba ao rádio, a música “Pelo Telefone” de Ernesto dos Santos, o famoso Donga. Mesmo não havendo alguma relação de parentesco com Donga, a recordação serve para ilustrar que, de certa forma, os caminhos para o sucesso estavam predestinados ao menino Didi. Anos mais tarde, já na década de 1960, Vinícius de Moraes pediria a bênção a ‘Mãe Senhora, maior Yalorixá da Bahia’ na canção ‘Samba da Bênção’. Em 1963, na capital baiana instituiu-se o dia Nacional do Samba: 02 de dezembro, aniversário do Mestre Didi. Diversas representações de simbologias negras coadunam para o 02 de dezembro, quem sabe uma conspiração ancestral.

O sacerdócio de Mestre Didi possui um link comprovado com o continente africano, com o reino de Ketu. Sua família biológica africana possui o sobrenome Asipà e constitui-se em uma das cinco células fundadoras do Reino de Ketu. São famosas as histórias de como Mãe Senhora, ao enviar carta ao Rei de Ketu, por intermédio de Pierre Verger, recebera o Título, o qual fora de sua trisavó, sequestrada no tráfico negreiro e trazida para o Brasil. A historiografia informa que o rei ficou surpreso com as comprovações da existência de uma descendente da Iyá Nassô e, por conseguinte, outorgou o mesmo título a Maria Bibiana do Espírito Santo. Mestre Didi, já na maturidade, em uma de suas visitas ao mesmo reino, pediu permissão para falar em iorubá com o alto mandatário de Ketu. Recitou algumas palavras da tradição familiar, ensinadas por sua mãe. O Rei de Ketu, reconhecendo a veracidade do documento oral, disse-lhe que ali ele não era uma visita, mas um membro da família Asipà. Apontou-lhe o local onde ficava situada a casa dos Asipàs e sugeriu-lhe, que dormisse na casa de seus parentes. O retorno aos de sua origem fora em alto estilo, logrando reconhecimento da autoridade máxima. Em 1980, depois de 55 anos de iniciado e após ter exercido o sacerdócio de Babá-Egum na Ilha de Itaparica, funda o candomblé de culto aos ancestrais Ilê Asipà, situado em uma transversal da Rua Orlando Gomes em Salvador.

Os Asipà na África são importantes caçadores, ligados ao orixá Oxóssi, que provêm a aldeia e lhes garantem, segurança. As obras do escultor Mestre Didi são inspiradas nos orixás da terra, elemento orgânico responsável pela permanência da vida. Nanã, entre outras atribuições e simbologias, é também a matrona da agricultura. Oxumarê, que possui uma de suas representações no arco-íris e na cobra sagrada, que destoa do sentido da serpente judaico-cristã, também é uma das inspirações. Omolu de cuja casa é o supremo sacerdote, Assogbá, título recebido aos 19 anos de idade, empresta, permite que seus símbolos sejam resinificados pelas mãos do filho de Xangô.

A genialidade de todo artista consiste no olhar o que todo mundo olha, mas em ver somente o que o olhar criativo sabe ver. Os elementos de sua inspiração artística eram vistos desde sempre, desde o seu nascedouro, por ele e por todos os outros, também nascidos e criados no mesmo ambiente. Membro do terreiro de candomblé

Ilê Axé Opô Afonjá foi iniciado no culto aos orixás por Mãe Aninha, Eugênia Anna Santos. Mãe Aninha, cujo nome iniciático era Obá Biyi, era filha de santo da trisavó de Mãe Senhora, Marcelina Oba Tossi. Em 1910, após anos de filiação à Casa Branca, Mãe Aninha funda o Ilê Axé Opô Afonjá. No citado terreiro de orixá, o Mestre exerceu diversos postos litúrgicos, inclusive o de Assogbá da Casa de Omolu. Neste mesmo território negro, sua mãe biológica fora iniciada e transformou-se na terceira mãe de santo da casa, tendo sido a iniciadora de diversas personalidades, entre elas Mãe Stella de Oxóssi.

No culto aos ancestrais, Mestre Didi teve iniciação aos 08 (oito) anos de idade. É, também, muito conhecida, a narrativa de como (Lê) “Mestre Didi foi tão cedo ao culto aos mortos, ao ancestral, ao pai morto: Babá Egum. Acometido de uma enfermidade, sua mãe o levou para a ilha de Itaparica em 1925 em busca da cura. Caso não tivesse consciência ancestral, Mãe Senhora, filha do orixá Oxum, não teria levado o único filho para curar-se no culto aos mortos. Veja a inteligência dessa mulher. Ela sabia o que estaria fazendo. Em uma leitura imbuída de conceitos judaico-cristãos, tal atitude seria desencorajada, pois entender-se-ia que a morte não traria a cura. O fato é que Mestre Didi viveu mais 87 (oitenta e sete) anos, pois partiu para o orum, mundo da espiritualidade, em 06 de outubro de 2013 por causas naturais aos 95 (noventa e cinco) anos, 10 (dez) meses e 02 (dois) dias de nascido.

Em 1925 na Ilha de Itaparica, o título que recebera foi Kori Kowê Olukotun, o Escrivão de Babá Olukotum, um ancestral que em vida foi filho de Oxalá. Uma das vantagens de contar uma história é poder fazer diversos links, que talvez, nem os atores e atrizes da história puderam fazer em concomitância com os acontecimentos. No Ilê Olukotum, Tuntun, na ilha de Itaparica, Babá Olukotum já havia renunciado a existência de um escritor com apenas 08 (oito) anos de idade, que lançaria sua primeira obra em 1946, 21 (vinte e um) anos depois. Seu primeiro livro, até hoje, é objeto de estudos por linguistas, historiadores, críticos da literatura e da cultura, além de curiosos diversos. Yorubá tal Qual se Fala é um dicionário-vocabulário iorubá² e português, publicado em sua primeira edição pela editora e livraria Moderna. Mestre

Didi transcendia os limites do uso do jargão religioso na citada língua africana, ele falava iorubá.

Entre os nomes que avalizaram a produção de Mestre Didi, como se ele precisasse, estão os internacionais Jorge Amado, escritor baiano mundialmente reconhecido e o cientista e antropólogo francês, professor da Sorbone Roger Bastide. Contribuíram como ilustradores Caribé e Leino Braga, por exemplo. Entre os eternos parceiros intelectuais e artísticos estão a eterna companheira e antropóloga Juana Elbein dos Santos, o amigo e filho espiritual Marco Aurélio Luz, Narcimária do Patrocínio Luz, Muniz Sodré e Emanuel Araújo. Merece um destaque especial e em separado a contribuição de Mestre Didi para um dos grandes sucessos da música popular brasileira, a canção Babá Alapalá de autoria de Gilberto Gil. Em recente visita ao Ilê Asipà, 11 de fevereiro de 2017, quando perguntado, por mim, sobre a criação da música “Babá Alapalá” Gilberto Gil confessou ter sido em 1973 a primeira vez, que fora a um candomblé. Foi uma visita a um candomblé da Ilha de Itaparica,

onde conheceu o ancestral Babá Alapalá, por intermédio de Mestre Didi, então a inspiração para o nascedouro da música, que acho que todos conhecem.

Para um trabalho mais aprofundado sobre o Alapini, supremo sacerdote de culto aos ancestrais, poder-se-ia relacionar diversas obras científicas para as quais os livros citados anteriormente serviram de fontes primárias. Evidente, que ainda há também, que se descrever as dissertações de mestrado e teses de doutorado, que tiveram como objeto de estudos a obra do sacerdote-artista, memorialista, escritor, educador, escultor.

Como educador, inspirado nos dizeres de Mãe Aninha sobre ver os filhos ‘[...] de anel do dedo aos pés de Xangô’ o Mestre cria a Mini comunidade Obá Biyi, situada dentro do Ilê Axé Opô Afonjá. O projeto da Mini comunidade Obá Biyi deixou frutos, mas teve seu desenvolvimento de 1976 a 1986. Como informa a professora Narcimária do Patrocínio Luz (2016), o intuito do projeto foi construir ‘[...] uma estratégia para no contexto da modernidade, formar pessoas capacitadas para interagir com os códigos da sociedade industrial e reforçar ao mesmo tempo os valores da comunidade- africano- brasileira.’

Com o brevíssimo histórico, fica fácil compreender as razões pelas quais parte significativa da intelectualidade brasileira e internacional quer transformar o ano dos 100 anos de nascimento de Mestre Didi em um conjunto de comemorações e agradecimentos. Após citar os livros que não deu para citar no momento, faz-se necessário um breve elenco dos títulos recebidos, algumas das exposições realizadas e também dos prêmios. Além das exposições realizadas em outros países e em diversas partes do Brasil, as esculturas de Mestre Didi foram visualizadas em eventos na Nigéria, em Gana, no Senegal, nos Estados Unidos da América, na França, Alemanha, Inglaterra e na Argentina.”

Bom, senhoras e senhores, nós poderíamos fazer um curso somente sobre o Mestre Didi e temos várias pessoas capacitadas aqui para isso. Aliás, deputada, acho que a Assembleia tem que propor entre outras coisas, nós já conversamos com a nossa secretária, para inserir o Mestre Didi no currículo da educação básica, João Jorge, nós sabemos que o Olodum tem um compromisso com isso.

É preciso levar o legado do Mestre Didi para os nossos meninos, para as nossas meninas para que eles vejam a si mesmos. Porque na minha opinião, na opinião de vários outros intelectuais aqui presentes Profª Nascimária, Prof. Marco Aurélio, Profª Juana, Profª Inacyra, dos Alágbás, de todas as outras pessoas aqui presentes, é preciso fazer com que personalidades negras como o Mestre Didi sejam mais conhecidas pelos nossos meninos e nossas meninas.

Por tudo isso, viva Mestre Didi e muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Srª PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, Prof. Gildecil. Certamente a inclusão no currículo da sua história é uma luta da Comissão de

Educação e Cultura desta Casa como é também uma luta eterna do nosso vereador Silvio Humberto, lá na Câmara de Vereadores.

Eu queria registrar e convidar para a Mesa o deputado Bira Corôa (Palmas) que, junto conosco, faz aqui um movimento de resistência na luta pela igualdade, na promoção da justiça social com muito carinho. Está atrasado não é deputado Bira? Eu queria chamar agora para fazer a sua fala Alágbá Balbino Daniel de Paula, ele que também tem tantos títulos, contador, especialista em Gestão Pública, em Direito Público Municipal, ex-prefeito do município de Itaparica, atualmente controlador interno do município de Nazaré. Seja bem-vindo querido Alágbá Babá Mariwo n'ílê Agboulá Balbino Daniel de Paula. (Palmas)

O Sr. BALBINO DANIEL DE PAULA:- Obrigado.

Bom dia a todos e a todas. Quero saudar a deputada Fabíola Mansur, assim também como a todos os integrantes dessa Mesa.

Ouvi todos os relatos sobre o Mestre Didi que não me são desconhecidos, mas eu não quero repeti-los. Eu queria fazer uma homenagem ao Mestre Didi diferenciada. Para isso eu quero pedir permissão a não mais velho Alágbá Ilê Asipá também pedir permissão aos meus irmãos sacerdotes que estão aqui e a todos que estão nesta Casa.

Em 1979, quando faleceu o meu avô Antônio Paula, naquela época Alabá, da Casa do Ilê Abôlá, ouvi pela primeira vez, entoado por Mestre Didi, um cântico. Achei o cântico interessante e nunca mais esqueci. Esse cântico que vou entoar, e peço permissão à deputada e a todos, é uma bela expressão do que está acontecendo aqui hoje.

(O orador e o plenário entoam um cântico.)

O Sr. BALBINO DANIEL DE PAULA:- Traduzindo: os iniciados no mistério não morrem; os iniciados no mistério não desaparecem, não se corrompem. Os iniciados no mistério vão ao Itulá, local do renascimento. (Palmas)

Há pouco, quando falei da bela expressão desta homenagem e ao entoar este cântico, esta homenagem a Mestre Didi está-nos dizendo, de forma clara: os iniciados no mistério não morrem, não desaparecem. A história de mestre Didi diz que ele nunca se corrompeu. Os iniciados no mistério não se corrompem, eles são exemplos de vida para cada um de nós. Este é o maior legado de mestre Didi para todos os integrantes do culto a Egungun: sapiência, paciência, doutrinador.

O Itulá, local de renascimento, não é apenas aquele espaço sagrado; aqui também, neste momento, é o Itulá. Aqui ele também renasce com esta homenagem. (Palmas) E mais uma vez aqui, enquanto sacerdote do culto Egungun, como o alagbá do Ilê Agboulá, eu tenho mais um ensinamento do mestre Didi. Temos o dever, alagbá do Ilê Asipá, enquanto alagbá do culto Egungun, de levar e continuar conduzindo esses ensinamentos para as novas gerações. Enquanto Olodumare nos permitir, temos de transmitir esse legado de fé e de respeito não só ao culto Egungun, mas para toda a sociedade.

Precisamos entender que esse levante de mestre Didi representando o povo negro e sofrido, nos faz entender que temos de continuar esse processo e essa luta. Esta é a maior lição que mestre Didi me deu. E quero tentar traduzir para os meus irmãos que esta é a lição do mestre Didi para o alagbá do Ilê Agboulá.

Aqui encerro as minhas palavras dizendo muito obrigado.

Viva o mestre Didi! (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Os iniciados no mistério não morrem jamais; a gente vai aprendendo. E aqueles que não são iniciados, alagbá, mas são inspirados por esses ensinamentos que devem permear a humanidade em busca de justiça e paz, na luta contra as intolerâncias, contra o racismo, têm de ser inspirados por sessões como esta. E quero agradecer-lhe este por esse cântico, porque me tocou. E quando a gente é tocada, a resistência aumenta. E pode ter certeza de que ela aumentou nesse momento com as suas palavras. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Queria agora convidar o diretor da Fundação Pedro Calmon, o companheiro e amigo Zulu, que é também conselheiro estadual de Cultura e da Câmara de Patrimônio, na qual vai ser o parecerista do tombamento definitivo do Ilê Asipá. Bem-vindo, Zulu. Grande companheiro também nessas lutas pela resistência, com quem aprendo bastante.

O Sr. ZULU ARAÚJO:- Obrigada, deputada. Bom dia a todos e a todas. Na verdade, eu estou aqui para agradecer. E o primeiro agradecimento que eu quero fazer é aos meus colegas do Conselho Estadual de Cultura, a quem também eu estou representando aqui hoje, no caso, o presidente do Conselho Estadual de Cultura, Emílio Tapioca.

Como representante desse Conselho, eu gostaria de, em primeiro lugar, saudar e parabenizar a deputada Fabíola Mansur pela iniciativa e pela felicidade que está nos proporcionando com esta sessão especial.

Em segundo lugar, eu gostaria de saudar – saudando assim, evidentemente, o município da cidade do Salvador – o vereador Sílvio Humberto, companheiro de estrada e de viagem nas lutas pela valorização da cultura; particularmente, da cultura negra no nosso País.

Saúdo também o alagba asipá Genaldo Novaes, e em sua pessoa eu saúdo todos os membros e representantes do Ilê Asipá, que em breve, tenho certeza, será tombado pelo governo do Estado da Bahia.

Quero dizer que eu tenho uma missão. E tenho certeza de que essa missão deve ter chegado a mim por obra, graça e trabalho dos orixás. Agora eu tenho a chance, a oportunidade e o compromisso de realizar o parecer técnico para o tombamento do Terreiro Ilê Asipá.

No último sábado, fiz uma visita, na qual eu tive o prazer e a honra de ser recebido por Regina e pelo alagba Reginaldo, percorrendo as áreas do Terreiro para que tivesse não a convicção nem a certeza, porque isso eu já tinha, mas para que sentisse na alma o que representava para os membros daquele Terreiro o tombamento daquele espaço.

O governo do Estado, melhor dizendo, a Secretaria de Cultura, por meio do IPAC, que é dirigido pelo arquiteto João Carlos Oliveira, já fez a sua parte. Já nos indicou, por meio de um parecer do seu Departamento de Patrimônio Material, o indicativo positivo para que façamos, agora no Conselho Estadual de Cultura, o parecer de tombamento do Terreiro.

Quero dizer aqui para vocês que amanhã, às 14h, estarei entregando à Câmara de Técnica de Patrimônio do Conselho Estadual de Cultura este parecer. E posso assegurar a todos os senhores e senhoras que será um parecer positivo e que acompanhará aquilo que o IPAC já indicou. (Palmas)

O Terreiro Ilê Asipá precisa ser reconhecido e protegido pelo Estado não apenas por ser um terreiro, mas por ali encerrar na verdade umas das experiências mais ricas, exitosas e exemplares da trajetória de uma liderança, de um artista, de um sacerdote da religião de matriz africana no Brasil.

Eu não preciso aqui me estender nos elogios ao Mestre Didi, porque todos vocês que estão aqui sabem mais e melhor do que eu sobre o que ele representa e sobre o trabalho que ele realizou.

Portanto, para ser breve e direto, mais uma vez meus agradecimentos a todos vocês por terem me permitido, nesta minha trajetória de vida, poder participar agora de maneira ativa e efetiva na preservação de um bem patrimonial da cultura afro-brasileira.

Toca a zabumba que a terra é nossa! (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Parabéns, Zulu, por essa honraria que realmente os orixás lhe concederam: ser parecerista. A gente espera que os orixás ajudem também no trâmite, na celeridade para que no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, a gente já esteja com tudo isso devidamente votado e aprovado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Passaremos a palavra ao professor doutor Marco Aurélio Luz, da UFBA, um cientista político e social brasileiro que acompanhou várias vezes Mestre Didi nas Semanas Afro-Brasileiras no MAM, do Rio de Janeiro, e nas ações dos estudos da cultura negra no Brasil. Foi indicado por ele, com a anuência de Xangó, para receber o título de Osi Oju Obá, em 1977, no Ilê Axé Opó Afonjá, e também participou da fundação do conselho do Ilê Asipá. Professor doutor, enquanto o senhor se dirige à tribuna para fazer sua fala, queria registrar as seguintes ilustres presenças: Ailton Ferreira, assessor especial da Sepromi, amigo Ailton; João Clemente, representando a senadora Lídice da Mata,

chefe de gabinete da senadora; Vilobaldo Aragão, da Associação Cultural Meninos do Pelô; Dody Só, grande amigo e ator; Firmino Júlio, presidente do Fórum das Universidades do Estado da Bahia; Régia Ribeiro, da Casa do Benin; Natan Azevedo, presidente do Samba Deleite; companheiros do Sinteste; Waldemar Oliveira, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, Cedeca.

Professor Marco Aurélio, Bem-vindo.

O Sr. MARCO AURÉLIO LUZ:- Bom dia a todos e a todas. Ago aon auratê ebomi. Queria registrar a minha emoção de estar aqui. Atravessei uma trajetória muito especial em minha vida, que foi compartilhada com Mestre Didi e Juana Elbein dos Santos. Fizemos coisas do arco-da-velha.

A Conferência Mundial da Tradição dos Orixás, em 1983, foi uma das realizações mais resplandescentes dessa nossa trajetória. Mestre Didi e Juanita iniciaram isso em Nova York, depois estiveram em Ifé, em 1981, e depois foi realizada aqui em Salvador, quando veio uma delegação africana muito importante lá da Nigéria, com babalaôs e tudo mais, inclusive um rei de Ijigbô, o Ilê Jibô.

Vou citar um episódio dessa ocasião. O Ilê Jibô vinha entrando pelo Centro de Convenções e várias pessoas deram odubalê, quer dizer, o saudaram mostrando um sinal de humildade e respeito à pessoa do rei. Até que ele se deparou com Mestre Didi, que ficou na mesma posição que estava. E ele perguntou ao Mestre Didi: “Você não vai me dar odubalê?” Mestre Didi respondeu: “Não é que eu não queira; eu não posso, porque eu sou Alapini, e Alapini está acima de um rei, de um obá”.

Esta situação do Mestre Didi é uma obrigação, não é que ele não quisesse ou fosse uma escolha, mas ele é um omo bibi, um bem-nascido, aquele que herda uma herança ancestral de muito compromisso, uma reposição que é a reposição da tradição religiosa nagô.

Ele me disse uma vez: “Pode-se dizer que a história da tradição do Orixá na Bahia se confunde com a história da minha família”. Porque foram as ancestrais dele, Iyá Detá, Iyá Nassô, Iyá Obá Tosi, as fundadoras das primeiras casas de culto aqui na Bahia. Iniciaram as pessoas que fundaram o Gantois e o Ilê Axê Opó Ofonjá. Então esse tronco da tradição africana esteve na responsabilidade da família achipá, fundadora de nações lá na África, de Queto saindo de Oió e se projetando na Bahia essa reposição. Eu penso que o Mestre Didi e vários líderes se destacaram na história do negro no Brasil e no mundo de modo geral, lutando pela liberdade, pelos direitos civis, lutando contra o racismo. Mas Mestre Didi se destaca como um líder muito especial porque ele lutou pela reposição da tradição africana, dos valores da tradição africana, da linguagem da tradição africana, que irriga a alma da identidade brasileira.

Isso é uma coisa fundamental. E ele se destacou por isso, não se destacou fazendo alarde. Ele dizia que deveríamos seguir a estratégia dele, que é a de trabalhar como cupim, sempre fazendo as coisas sem alarde, sem aparecer. Por isso que muita gente aqui não conhece o esplendor da trajetória do Mestre Didi. Vem conhecendo pouco a pouco, porque ele mesmo tinha uma estratégia que era a de fazer pouco a pouco e dessa forma, porque a situação não era para a gente estar se mostrando e se

demonstrando, nem precisava disso. Ele dizia sempre que ele sabia quem ele era, não precisava estar dizendo para ninguém, nem ninguém dizendo dele, mas nós dizemos porque admiramos e convivemos com ele, temos essa obrigação de enaltece-lo. Como Judeci, que me antecedeu, falou nessa casualidade do dia do samba ser um dia também ligado ao 2 de dezembro – data do nascimento do Mestre Didi –, eu vou pedir licença para cantar um samba que já cantei uma vez com Alaor Macedo, que é sobrinho do Mestre Didi, fundador da Lira Imperial e também participou de movimentos das escolas de samba. Como as coisas entre nós acaba em samba, eu vou pedir licença para cantar essa música.

(Canta uma música.)

Muito obrigado a todos.

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Salve essa voz, professor!

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Aproveitando também para presentear o nosso querido Zulu, com livros também (inaudível) ele que reclamou, porque ele não foi o único (Risos).

Queria agora convidar o presidente do Olodum, João Jorge, para fazer a sua fala que, já antecipamos, é bem eloquente. Ele que tem permeado grandes ideias para o nosso mandato, nesta Casa, como o memorial da Revolta dos Búzios, as comendas, a reedição do livro, nesta Casa. Eu quero já, de público, agradecer a você, João Jorge, e a Tina também, que está aqui, por organizar e por fortalecer dentro desse mandato essas lutas por justiça social, paz e combate ao racismo.

Bem-vindo, João Jorge.

O Sr. JOÃO JORGE:- Bom dia a todos e a todas.

Quero saudar a deputada Fabíola Mansur e o deputado Bira Corôa; quero saudar as religiosas aqui presentes, a minha convivência com o Mestre Didi não me permite falar religiosamente sobre o Mestre Didi por respeito, por dedicação, mas, acima de tudo, porque quando conheci o Mestre Didi, eu era apenas um jovem selvagem, extremamente agressivo e, ao mesmo tempo, não sabia da importância local, nacional e internacional do Mestre Didi.

Nos anos 80, diante de muitas dificuldades do pequeno Olodum, fui procurando apoio político, filosófico e, ao mesmo tempo, apoio para que não deixasse uma organização do Maciel Pelourinho, com o nome ligado ao Ouro do Maré, desaparecer. E nas primeiras conversas com o Mestre Didi, com Juanita Elbein dos Santos, eu vi que o Olodum precisava mais do que dinheiro e estrutura para ser grande. Nós do Olodum precisávamos aprender, precisávamos sonhar e precisávamos sonhar com pessoas que tinham uma força religiosa para fazer isso. Então, logo no primeiro momento, pedi humildemente que Mestre Didi fosse um dos protetores religiosos do Olodum, mas entendia que isso nos seria negado – um bloco afro, bloco

de carnaval, movimento negro, movimento negro de rua, todas as dificuldades possíveis que podiam se associar ao Olodum –. O Mestre Didi fez mais do que isso, ele passou a nos proteger espiritualmente, materialmente, em especial, com uma orientação do que fazer.

Sem essa vivência nossa, pequena, muito rara com o Mestre Didi, com Juanita e com todos vocês, religiosos, ligados ao Mestre Didi, provavelmente o Olodum não seria o que é hoje. Mais do que isso, não basta você ter força política, intelectual, acadêmica, você precisa também sentir; sentir no coração, sentir na alma. E de todos os políticos brasileiros, de todos os artistas brasileiros, de todos os mensageiros da luta contra o racismo, duas pessoas me impressionaram muito nos anos 80: Mãe Estela, a quem também pedimos proteção, homenageamos ela nos anos 80; e Mestre Didi, porque, diferente de Abdias do Nascimento, diferente de todos os líderes que procurávamos referência, ele era da casa, ele era da terra, e mais, não havia pancada nos ensinamentos do Mestre Didi, não havia o chicote, não havia palmatória. Havia na realidade uma sabedoria. Por mais que eu, Luís Orlando e Bujão, que fomos os primeiros a ter contato com o Mestre Didi, chegássemos... a resposta já acalmava o coração, a alma e dava pistas do que deveríamos fazer. Tradicionalmente, nós do Olodun, não falamos em relação ao candomblé e à fé surgida na África, que é fundamental para todos os povos. Nós entendemos que era a dona Alice – a minha mãe materna, a Ialorixá do Olodum –que deveria falar; entendemos que era dona Hilda, do Ilê, que deveria falar; entendemos que era os sacerdotes, as sacerdotisas da fé mais profunda do ser humano que deveria falar. Não cabia a nós dizermos “não” e “sim”; apenas quando éramos chamados é que deveríamos participar.

Quando pensamos em criar o Conselho da Comunidade Negra, a primeira pessoa que procurei na Bahia foi Mestre Didi. E eu disse a ele: “Olha, Mestre Didi, você tem que estar nesse conselho”. O Mestre Didi, de uma forma sábia, indicou Marco Aurélio Luz para fazer parte do Conselho da Comunidade Negra da Bahia, que completou 30 anos agora. Eu já não lembrava mais dessa história, e coube a Marco Aurélio mandar um e-mail, com um texto gigantesco, contando os detalhes de como o Mestre Didi inspirou, deu as diretrizes desse que é o atual Conselho da Comunidade Negra, que comemorou 30 anos agora, muitas vezes sem citar várias pessoas que ajudaram a construí-lo.

Mas o Mestre Didi não perdia e nem ganhava, ele somava, integrava. São raros os líderes mundiais da capacidade de Mestre Didi. Conheci um outro: Nelson Mandel. No geral, os líderes mundiais desta estatura, ou são políticos, ou são religiosos, ou são cientistas, ou são intelectuais. Quando reúne em um único homem um escritor, um religioso, um estadista, um artista, um condutor das suas multidões, nós estamos diante de alguém muito especial.

E vim aqui hoje não para falar, mas apenas para ouvir todos e ficar feliz em saber que agora, aos 100 anos, o Mestre Didi está presente conosco, comigo, com o Olodum, com a juventude, com o samba, com a cultura da gente. Isso não é por acaso, é porque essa iluminação nos mostra o caminho. Cheguei aqui e falei com Juanita Elbein dos Santos, e no dia da despedida de Mestre Didi uma pessoa me

perguntava insistentemente: “Por que você está aqui? Você não devia estar aqui, você não é do terreiro de Mestre Didi”, e Juanita me pegou e disse: “Deixe ele aqui”. Eu fiquei calado, fui apenas me despedir do meu amigo, do meu irmão, do meu pai, do meu filho e do meu neto, fui apenas dar um abraço devido àquilo tudo que aprendi nesses anos todos. Nós não temos o direito de perder a fé, não temos direito... porque mesmo que uma placa gigantesca esteja diante de nós, temos o direito de continuar acreditando.

Na realidade, esses 100 anos de Mestre Didi é uma vitória dessa luta contra o racismo. A causa do Mestre Didi não era lutar contra brancos ou a favor da população negra, a causa do Mestre Didi foi a igualdade, é a igualdade. Por isso, será muito justo que o nome do Mestre Didi esteja em um viaduto, quando os carros passarem em baixo dele, o nome do Mestre Didi estará lá; será muito justo que quando os carros e as pessoas atravessarem a Paralela, vejam uma estação do metrô em homenagem ao Mestre Didi; será muito justo quando a cidade do Salvador honrar seu grande líder espiritual, político e social. Isso se faz com amor no coração, com a paixão pela vida e com a condução de como isso deve se manifestar.

Hoje é dia 6, mas daqui a 48 horas será dia 8. Terão se despedido de nós, há 209 anos, João de Deus, Lucas Dantas, Manoel Faustino e Luiz Gonzaga. E Arany Santana sempre diz que eu pertencço a essa dinastia dos heróis que morreram e que voltaram depois. Que nada! Mestre Didi continuou a luta desses quatro heróis da Bahia. Eu sou apenas um pequeno mensageiro de fazer as pontes. Não era possível Mestre Didi sem os heróis da Revolta dos Búzios. Não era possível os heróis da Revolta dos Búzios sem Mestre Didi ter existido. Porque o Olodum não falaria da Revolta dos Búzios; porque o Olodum não trataria de 1798; porque não diríamos que somos da matriz africana do candomblé; porque, quando chamados para tirar o Posto Esso da frente da Casa Branca, nós não nos esconderíamos. Mas que nada! Sob a influência e referência do Mestre Didi, pegamos uma Kombi e ficamos lá protestando até que o Posto Esso fosse retirado da frente da Casa Branca.

Essa é uma história recente, uma história que nós não fazemos nenhuma questão de publicizar. Porque toda vez que os terreiros de candomblé, os sacerdotes e as sacerdotisas nos chamarem, nós temos que estar prontos, nós temos que estar de pé e, mais do que isso, com obediência àquela criação que fez a religião surgir no mundo. Nós não perseguimos ninguém; nós não falamos contra ninguém na televisão nem no rádio; nós não usamos um livro para dizer das verdades; nós não invadimos os ônibus nem os condomínios para falar disso; nós tentamos educar as crianças, educar os adolescentes para a paz, para o amor e para a fé. Esta fé não precisa de proselitismo. Mestre Didi se tornou maior do que nós, se tornou maior do que foi e vai se tornar maior cada vez mais que compreendermos a alma do nosso povo. O Mestre Didi entendeu essa alma e conduziu toda a sua gente para um lugar seguro. Hoje nós estamos mais fortes, hoje nós somos mais, somos mais numerosos. E, ao mesmo tempo, ousamos falar aquilo que pode ser falado. O que não pode ser falado, nós sentimos. Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- João Jorge sempre emocionando a gente. Tomara que todos sejamos aprendizes de mensageiros desse exemplo de Mestre Didi.

Bem, agora eu queria passar a palavra ao diretor do IPAC, João Carlos, que nos honra com a sua presença; neste ato também está representando a nossa secretária de Cultura, Arany; e vai ter a felicidade... e a gente espera através do decreto do nosso governador, Carrano, conseguir, após o parecer de Zulu, tombar definitivamente o Ilê Axipá.

Bem-vindo, João Carlos.

O Sr. JOÃO CARLOS OLIVEIRA:- Obrigado, Fabíola.

Bom dia a todos e a todas.

Quero saudar a Mesa em nome de toda a família e de toda a representação da família de Mestre Didi.

Deputada Fabíola, deputado Bira, quero aproveitar este momento, porque todas as nossas falas vão ser registradas. Acho que, às vezes, a gente se esquece de que a Assembleia é este espaço de representatividade.

A gente precisa lembrar que, há menos de 48 horas, a ministra do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, necessitou defender os direitos humanos no Brasil. Passado muito tempo que a gente tem lutado e entendido a importância da liberdade de expressão, existem grupos que entendem usar a liberdade de expressão para representar um discurso de ódio e de racismo.

A gente não está falando aqui da nossa presença civilizatória quando a gente usa um instrumento fundamental da nossa democracia como a liberdade de expressão para esconder um discurso de ódio e de racismo. Acho muito importante que nós estejamos alertas, atentos. Acho que a Bahia faz parte hoje de um discurso importante em defesa da democracia no Brasil.

Estou muito feliz em ter este espaço.

Agradeço a Fabíola. Acho que estive aqui na Assembleia umas cinco vezes desde que assumi a direção do IPAC. E, todas as vezes, estive a convite de Fabíola em eventos tão maravilhosos, tão representativos como este.

Acho que a compreensão do mandato, melhor, a compreensão da agenda propositiva do mandato de Fabíola nos dá a oportunidade de discutir aqui questões importantes da representação da nossa sociedade e, também, dessas lutas pela democracia.

Quero saudar Fabíola e lhe agradecer mais uma vez.

Estava pensando um pouco. Primeiro, a gente fala muito o seguinte: “O IPAC tombou. O IPAC indicou.” Na verdade, nós somos um instrumento de uma política pública. O IPAC, hoje, tem a capacidade e os instrumentos para chegar a uma casa,

como a do Mestre Didi, e a casa de tantas outras famílias na Bahia, a fim de propor o seu tombamento.

Tudo isso acontece, porque existe um governo democrático que nos faz uma agenda propositiva. Quanto a isso, não se enganem, senhores e senhoras. Esta agenda do nosso pai é uma agenda de governo. É a compreensão do governo da Bahia em reiterar políticas públicas muito claras em defesa da memória e da preservação da nossa cultura afrodescendente.

Então, quando a gente fala da preservação, gostaria de deixar muito claro se tratar de um pensamento de política pública do qual o IPAC é um instrumento desta política.

E, para finalizar, nós, quando criança, somos lembrados o tempo todo: “Oh! Você vai ter que plantar uma árvore, você vai ter que escrever um livro, você vai ter que ter um filho para garantir sua preservação”, enquanto memória para além desta casca física que nós todos somos.

Acho que a gente está hoje valorizando uma representação muito clara de um ser humano que extrapolou e muito a sua casca física. A gente está falando de um ser humano que garantiu a perpetuação da sua memória e do seu discurso para mais de cem, para mais de duzentos. Um discurso que é para mais de Salvador, é para mais da Bahia, é para o mundo.

Então estamos aqui preservando memória.

Parabéns a todos.

Parabéns ao Mestre Didi. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, João Carlos.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Quero registrar a presença de José Mendonça, ex-prefeito de Ipiaú.

Quero registrar a presença de José Mendonça, ex-prefeito de Ipiaú. Gostaria de dizer que o bom de a gente convidar é você reconhecer, vir e estar presente. A gente está, também, fazendo aqui um mandato de resistência ao defender a cultura e os patrimônios materiais e imateriais desta Bahia que precisam tanto de tantos deputados – não é, Bira? – para fazer este enfrentamento. Então, fica aqui esta pequena lembrança.

Muito obrigada pela sua presença e pelo carinho. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Para fazer sua fala, convido o deputado Bira Corôa. Ele é presidente da Comissão da Promoção da Igualdade. Bem-vindo, Bira. Também, Bira faz parte da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e

Tecnologia e Serviço Público e é, também, conselheiro titular da Comissão de Cultura. Com a palavra o deputado Bira Corôa pelo tempo de 3 minutos.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom dia a todas. Bom dia a todos.

Quero saudar a Mesa em nome da proponente desta belíssima sessão, deputada Fabíola Mansur. Gostaria de dizer, deputada, da grande satisfação em participar deste ato ao tempo em que me desculpo por não estar presente desde o início dos trabalhos. Estamos atravessando, em nosso município de Camaçari, um momento difícil também. Eu fui obrigado a ficar pela manhã para conduzir uma atividade no município de Camaçari. Mas, enfim, consegui chegar a tempo.

Agradeço, acima de tudo, aos nossos orixás e guias que nos permitiram chegar a tempo de, ainda, poder participar desta sessão.

Quero saudar as presenças de todos e de todas em nome dos familiares do Mestre Didi. Saúdo a representação do nosso Estado, do governo do Estado da Bahia, através de João Carlos, conseqüentemente, representando a Secretaria de Cultura. Mas, sendo muito breve, muito breve, porque, hoje, esta Casa, nobre deputada, vive um momento feliz. Mais uma vez, quero parabenizar, pois esta Casa está cumprindo a tarefa de registrar, em seus Anais, o reconhecimento de alguém que, em vida e na perpetuação da sua vida, nos permitiu estar aqui assumindo a nossa negritude.

Trata-se de alguém que, na sua fé, pôde consolidar na Bahia e, conseqüentemente, emanar para o Brasil, Zulu, a capacidade de defender a sua crença com integridade, com respeito, com valorização, mas, acima de tudo, com determinação.

Trata-se de alguém que, na simplicidade e na tranquilidade, foi apontado por quase todos os depoimentos aqui registrados por suas qualidades. Ele foi capaz de firmar a consciência e, acima de tudo, de defender uma bandeira de luta e de enfrentamentos com a força e com a determinação de poucos.

Mas é bom destacar que Mestre Didi, na consciência e na expressão religiosa, na consciência e na força de consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária, traçou, para todos nós, um perfil de enfrentamento ao racismo diferenciado do que a gente pôde vivenciar e aprender ao longo de toda a nossa história.

Trata-se de alguém que pautou a cultura como instrumento de identidade e de afirmação, de alguém que pautou a religião como orientação. Mas os seus ensinamentos maiores foram o acolhimento, respeito e integridade.

Por isso, esta Casa não poderia estar fazendo diferente no dia de hoje do que celebrando, através de uma sessão especial, os 100 anos de alguém que nos deu a condição de perpetuar por mais 500, 600, quem sabe, 1.000 anos.

Obrigado, Mestre Didi, por nos permitir estar aqui. (Muitas palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Obrigada, deputada Bira Corôa.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- E, para encerrar esta sessão especial que faz a Assembleia Legislativa em homenagem ao centenário do Mestre Didi, eu queria chamar o AlabáAxepá para o cântico em sua homenagem.

O Sr. AlabáAxepá:- Eu gostaria que os discípulos do Mestre Didi comparecessem aqui para fazermos uma homenagem a ele ao honrar o que um dos discípulos dele falou: “Enquanto houver um oje vivo, a nossa tradição não morrerá.” Portanto, os ojes estão convidados a chegar aqui para homenagear o Mestre. (Procede-se ao cântico.)

O Sr. AlabáAxepá:- Com esta canção, agradecemos as presenças de todos. Rogamos a Olorum Baba Olodumaré para continuar tomando conta de todos nós aqui nestes tempos difíceis. E continuem com a mesma ideia. Enquanto houver um oje vivo, a nossa tradição não morrerá. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Agradeço as presenças de todos. Por favor, permaneçam de pé.

Antes de declarar esta sessão especial como encerrada, fica este registro histórico da comemoração do centenário do Mestre Didi nos Anais desta Casa. Mais do que o registro de um dia, ficam os seus ensinamentos, fica o seu legado ao inspirar as nossas lutas por justiça, paz, igualdade, respeito, amor, fé, combate ao racismo, promoção da igualdade, tão necessários hoje.

Viva o Mestre Didi! (Palmas)

Que esta Casa escreva, não só hoje, mas no livro da sua história, este dia, a fim de poder reverenciar exemplos de humanidade.

Que o Mestre Didi possa nos inspirar.

Vamos cantar o Hino da Bahia.

Agradeço as presenças de todos, incluindo os componentes da Mesa.

Vamos, neste ato, já declarar encerrada esta histórica sessão.

Só lembro que nós temos, com estes autos coreográficos, a voz, através de um CD, do Mestre Didi entoando alguns cânticos. Isso é uma relíquia. Infelizmente, só tivemos como presentear os palestrantes. Não tivemos tempo. Certamente, é inspirador, também, ouvir a sua voz que está imortalizada neste CD que tem nos autos coreográficos.

Queria agradecer a Arlete Soares e Arlindo Angulo por este presente. Vamos à execução do Hino ao Dois de Julho.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

A Sr^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur):- Declaro encerrada a sessão, agradecendo a presença de todos e convidando para um pequeno *coffee break* que será servido no Salão Nobre.

Obrigada.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.